



Encontro Internacional sobre Gestão
Empresarial e Meio Ambiente

ISSN: 2359-1048
Dezembro 2016

O Valor Adicionado Pela Indústria de Tecido e Vestuário No Brasil: retrospectiva no período de 2008-2014

MARIA DA GRAÇA DE OLIVEIRA CARLOS
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA
mgcarlo@globo.com

NADIANE VIANA FIRMINO
nadiane.viananv@gmail.com

KEULLY CRISTYNNE AQUINO DIÓGENES
keully.aquino@gmail.com

DAFNE OLIVEIRA CARLOS DE MORAIS
FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
dafne_oliveira@hotmail.com

O Valor Adicionado Pela Indústria de Tecido e Vestuário No Brasil: retrospectiva no período de 2008-2014.

Resumo

O Brasil ocupa a quarta posição mundial de artigos de vestuário, a quinta entre produtores de manufaturas têxteis da década (ABIT, 2013), com 1,5 milhão de empregos e 33 mil empresas formais (folha UOL, 2014) perdeu 20 mil postos de trabalho e 5% desempenho (ABIT, 2015) o que permite questionar a sustentabilidade socioeconômica do setor: Qual o valor adicionado pela Indústria de Tecidos, Vestuário e Calçados no Brasil pós-crise financeira e a destinação da riqueza criada? A pesquisa analisa o valor adicionado pela Indústria de Tecidos, Vestuário e Calçados, no Brasil pós-crise financeira, verificando a destinação da riqueza, com ênfase nas companhias da MF&BOVESPA de 2008 a 2014. O estudo é descritivo, quantitativo, longitudinal com uso de indicadores contábeis da DVA (FIPECAFI, 2013). Os resultados revelaram um setor com alta produção de riqueza (95%) a partir da própria força de trabalho, capaz de agregar 45% da sua receita como valor adicionado. O negócio de R\$3,2 bi (PL) e R\$8,2 bilhões (vendas), quase triplicou. A indústria adicionou e distribuiu valor para o acionista (13% em média) e empregados (29%). Esse resultado permite afirmar a sustentabilidade sócio econômica pela performance do setor apresentada após crise e na adversidade desencadeada pela concorrência internacional.

Palavras-chave: DVA; Valor Adicionado; Indústria de Tecido e Vestuário

The Added Value By Industry Fabric and Apparel in Brazil: Retrospective in the 2008-2014 period.

Abstract

Brazil is the fourth world position of garments, the fifth between producers of textile manufacturers of the decade (ABIT, 2013), with 1.5 million jobs and about 33.000 companies (UOL, 2014), lost 20 thousand jobs work and 5% performance (ABIT, 2015) which allows to question the socio-economic sustainability of the sector: what is the value added by the Textile Industry, Clothing and Footwear in the post-financial crisis Brazil and the allocation of wealth created? The research examines the value added by the Textile Industry, Clothing and Footwear in the post-financial crisis Brazil, checking the allocation of wealth, with an emphasis on companies MF&BOVESPA from 2008 to 2014. The study is descriptive, quantitative, longitudinal with the use of financial indicators of VAD (FIPECAFI, 2013). The results revealed a sector with high production of wealth (95%) from own work force, capable of adding 45% of its revenue as value added. The business of R\$ 3.2 billion (PL) and R \$ 8.2 billion (sales), nearly tripled. The industry added value and distributed to shareholders (13% on average) and employees (29%). This result allows us to state socio economic sustainability for the sector's performance presented after crisis and adversity triggered by international competition.

Keywords: DVA; Added Value; Fabric and Apparel Industry

Introdução

O Setor Têxtil e de Vestuários do Brasil ocupa a quarta posição entre os maiores produtores mundiais de artigos de vestuário e a quinta posição entre os maiores produtores de manufaturas têxteis na última década. Enquanto a produção de têxteis e confeccionados cresceu 34% nesse período, o crescimento do comércio mundial aumentou 83%, atingindo US\$ 648,6 bilhões em 2010 (ABIT, 2013).

Autossuficiente na produção de algodão (SEBRAE, 2010) o Brasil produz 9,8 bilhões de peças de vestuário por ano, sendo referência mundial em *beachwear*, *jeanswear* e *homewear*. Outros segmentos também vêm ganhando mercado internacional como a moda feminina, masculina, infantil, além do fitness e moda íntima. Grande parte deste desempenho é favorecido pelo tamanho do mercado interno brasileiro. Além da criatividade e tecnologia, o país se destaca pelas dimensões de seu parque têxtil: é a sexta maior indústria têxtil do mundo, o segundo maior produtor de denim (matéria prima para a fabricação de jeans) e o terceiro na produção de malhas (ABIT, 2015).

Contudo, a concorrência com a China impõe dura realidade aos negócios do setor, que possui cerca de 33 mil empresas formais (ABIT, 2015) e oferta 1,5 milhão de empregos, (folha UOL, 2014). Os entrantes asiáticos acarretaram o fechamento de indústrias, redução de vendas e de empregos, (jornal globo, 2014). Além da entrada de importados desde o início do século gerando forte competição, salienta-se o evento da crise financeira de 2008 que ainda mostra desdobramentos no âmbito nacional e global, e a esse contexto soma-se o ônus da carga tributária nacional que atinge o patamar de 42% sobre os produtos. Em 2015 foram eliminados 20 mil postos de trabalho com queda de 5% desempenho (ABIT, 2015) agravada por custos de produção, baixo crescimento de produção e do faturamento e a esse contexto soma-se um cenário de incertezas político-econômicas que direciona à necessidade de conhecer bem o próprio setor, seu ambiente e a definição de estratégias.

A partir desse contexto este estudo investiga a sustentabilidade socioeconômica do setor de Tecidos, Vestuário e Calçados, com ênfase nas companhias listadas na MF&BOVESPA e nessa direção busca responder a seguinte questão: Qual o valor adicionado pela Indústria de Tecidos, Vestuário e Calçados no Brasil pós-crise financeira e a destinação da riqueza criada?

A pesquisa analisa o valor adicionado pela Indústria de Tecidos, Vestuário e Calçados, no Brasil pós-crise financeira, verificando a destinação da riqueza do setor, com ênfase nas companhias da MF&BOVESPA de 2008 a 2014. Para tanto, traça um breve perfil das empresas e faz um diagnóstico setorial da situação dos ativos, vendas, retornos e apresenta o valor adicionado e a destinação da riqueza ao longo do período de 2008 a 2014.

A pesquisa pretende contribuir para a discussão do tema e apresenta relevância porquanto levanta a situação de importante setor econômico sob uma lente distinta da estrita abordagem do lucro e procura compreender o setor por sua capacidade de mobilizar a economia no processo de criar e distribuir riqueza. O estudo longitudinal, pós-crise financeira, pretende observar a capacidade de gerar e distribuir riquezas apesar das dificuldades econômicas agravadas por um ambiente de ruptura dos mercados e forte competição global. O estudo pode evidenciar o valor adicionado pelo setor e empresas que o compõem, revelando a representatividade dos ativos aplicados e do capital investido pelo empreendedor, e pode fornecer informações consistentes sobre as perspectivas de sustentação do negócio do setor apesar da concorrência com os asiáticos.

O estudo é descritivo e quantitativo e faz uma análise longitudinal retrospectiva com base nos fundamentos da análise financeira e uso de indicadores contábeis aplicados em um importante setor de atividade industrial com abordagem por meio da Demonstração de Valor Adicionado – DVA que permite evidenciar os diversos atores que colaboram para a geração da riqueza das empresas e, pode-se demonstrar como a firma os remunera por essa contribuição, possibilitando que a sociedade compreenda esse processo.

O trabalho está estruturado em 4 seções, iniciando pelo referencial, seguindo-se dos procedimentos metodológicos, resultado e conclusões.

Fundamentos, Origem e Legislação da DVA

As informações de valor adicionado envolvem aspectos econômicos e também sociais, que identificam e revelam a parte da produção que se destina a cada participante do processo de uma empresa. Dessa forma, o valor adicionado é uma medida de desempenho que tem mais amplitude que o lucro líquido, porque não tem o viés do provedor de capital próprio, e evidencia o resultado da firma, o qual pertence aos *stakeholders* e a eles devem ser distribuídos (HALLER E STOLOWY, 1998). Nesse sentido Mandal e Goswami (2008) explicam que o valor adicionado da firma é uma medida primordial, pois indica capacidade de sobrevivência por um período sem apresentar lucro, contudo, sem geração de valor, não terá contribuições à sociedade e terá muitas possibilidades de ir à falência com mais rapidez.

As origens da DVA remontam a Europa, no final dos anos 70 sendo disseminada no Reino Unido pelo *Corporate Report*, publicado em 1975 através da *Accounting Standarts Steering Committee. Report* (CUNHA E RIBEIRO, 2007), que indicava a elaboração da DVA, entre outras, para demonstrar os benefícios e esforços que a empresa fez, e sua destinação para estado, empregados, provedores de capital e reinvestimentos. Existem referências dessa demonstração no Tesouro Americano no século XVIII. Seu desenvolvimento na Europa ocorreu em caráter de urgência para atender à adoção do Imposto sobre o Valor Agregado.

A DVA é obrigatória em nações como a França e Portugal, contudo, na maior parte dos países mundo não existe obrigatoriedade, tais como Inglaterra, Alemanha, Holanda, Dinamarca, Itália, Suíça, Espanha, dentre outros. No Brasil passou a ser exigida legalmente de empresas de capital aberto a partir de 31/12/2007 quando da implantação da convergência contábil com o IFRS.

A DVA é um instrumento contábil que visa à identificação da riqueza gerada pela empresa, e como a entidade agrega valor à economia do país (NEVES E VICECONTI, 2002). Essa demonstração evidencia de modo transparente o valor gerado pelas corporações, ou seja, a riqueza nova gerada a partir de sua atividade operacional e sua distribuição aos segmentos beneficiários” (COSENZA, 2003). Para Gallizo (1990b *apud* COSENZA, 2003), o conceito de DVA pode ser delimitado no âmbito de uma informação econômico-financeira de natureza histórica, que evidencia a circulação real do patrimônio e mostra o valor econômico que foi gerado por uma entidade durante um certo período de tempo e, simultaneamente, descreve como este valor foi distribuído entre aqueles que contribuíram para a sua criação. Acrescenta o autor a DVA é a demonstração contábil que divulga a geração de valor produzido pela própria empresa, mediante suas próprias atividades, e a retribuição aos componentes econômicos que formaram esse valor adicionado.

Para De Luca (2009, p. 22), a DVA é um conjunto de informações de natureza econômica, que demonstra o valor da riqueza gerada pela firma e sua distribuição com os elementos que contribuíram para sua geração. Por outro lado, Costa, Guimarães e Melo (2013), explicam que se trata de um tipo de relatório contábil que apresenta informações de natureza econômica, indicando como foi criada a riqueza da empresa e quais fatores contribuíram para essa criação.

No Brasil, a DVA teve surgimento preliminar com o Parecer de Orientação nº 24/1992 baixado pela Comissão de Valores Mobiliários, cujo teor aprovava a ideia de que as companhias abertas pudessem apresentar informações de natureza social de forma voluntária. Referido parecer mereceu incentivo da CVM como forma de enriquecimento da informação levada ao público: Demonstrações complementares, como: a) Fluxo de caixa; e b) Valor Adicionado. Após ser introduzida pelo Parecer da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), sua divulgação era facultativa, porém com o advento da alteração sofrida pela Lei nº 6.404/1976, a DVA torna-

se obrigatória para companhias abertas, o que ficou expresso na Lei nº 11.638/2007 e fica recomendada a sua elaboração por todas as entidades que divulgam demonstrações contábeis.

Após essas modificações, o CPC faz a edição do CPC 09 – DVA, aprovado, na esfera da CVM, pela Deliberação CVM nº 557/2008. O CPC 09 define como o valor adicionado representa a riqueza criada pela empresa, de forma geral medida pela diferença entre o valor das vendas e os insumos adquiridos de terceiros. Inclui também o valor adicionado recebido em transferência, ou seja, produzido por terceiros e transferido à entidade (CPC 09).

O CPC 09 apresenta três modelos a serem adotados pelos diversos segmentos da sociedade. Modelo I: a ser adotado pelas entidades mercantis (comerciais e industriais) e prestadoras de serviços, aplicável às empresas em geral; os demais aspectos abordados no CPC 09 contemplam Modelo II: destinado a instituições financeiras bancárias; e Modelo III: aplicado às seguradoras, conforme sugerido pela Superintendência de Seguros Privados (SUSEP). Tais modelos não foram tratados no estudo em pauta, que tem o foco no setor empresarial têxtil, e dessa forma aborda o Modelo I expresso no quadro 1 a seguir.

Quadro 1: Modelo I: DVA – empresas em geral

1 - RECEITAS
1.1) Vendas de mercadorias, produtos e serviços
1.2) Outras receitas
1.3) Receitas relativas à construção de ativos próprios
1.4) Provisão para créditos de liquidação duvidosa – Reversão / (Constituição)
2 - INSUMOS ADQUIRIDOS DE TERCEIROS
(Inclui os valores dos impostos – ICMS, IPI, PIS e COFINS)
2.1) Custos dos produtos, das mercadorias e dos serviços vendidos
2.2) Materiais, energia, serviços de terceiros e outros
2.3) Perda / Recuperação de valores ativos
2.4) Outras (especificar)
3 - VALOR ADICIONADO BRUTO (1-2)
4 - DEPRECIAÇÃO, AMORTIZAÇÃO E EXAUSTÃO
5 - VALOR ADICIONADO LÍQUIDO PRODUZIDO PELA ENTIDADE (3-4)
6 - VALOR ADICIONADO RECEBIDO EM TRANSFERÊNCIA
6.1) Resultado de equivalência patrimonial
6.2) Receitas financeiras
6.3) Outras
7 - VALOR ADICIONADO TOTAL A DISTRIBUIR (5+6)
8 - DISTRIBUIÇÃO DO VALOR ADICIONADO (*)
8.1) Pessoal
8.1.1 - Remuneração direta
8.1.2 - Benefícios
8.1.3 - F.G.T.S
8.2) Impostos, taxas e contribuições
8.2.1 - Federais
8.2.2 - Estaduais
8.2.3 - Municipais
8.3) Remuneração de capitais de terceiros
8.3.1 - Juros
8.3.2 - Aluguéis
8.3.3 - Outras
8.4) Remuneração de Capitais Próprios
8.4.1 - Juros sobre o Capital Próprio
8.4.2 - Dividendos
8.4.3 - Lucros retidos / Prejuízo do exercício
8.4.4 - Participação dos não-controladores nos lucros retidos (só p/ consolidação)
(*) O total do item 8 deve ser exatamente igual ao item 7.

Fonte: CPC (09, p. 16-17).

Para explicar a estrutura da DVA foi usado também um modelo base de acordo com a Comissão de Valores Mobiliários do Brasil, a CVM, (2008, p. 5-8)

Quadro 2: Modelo base de apresentação da DVA

1.2 - RECEITAS
1.2.1 - Vendas de mercadorias, produtos e serviços: inclui valor de tributos incidentes sobre essas receitas (por exemplo, ICMS, IPI, PIS e COFINS), ou seja, corresponde ao ingresso bruto ou faturamento bruto.
1.2.2 - Outras Receitas: valores oriundos, principalmente, de baixas por alienação de ativos não-correntes, tais como resultados na venda de imobilizado, de investimentos etc. e outras incluídas no resultado que não sejam reconhecimento de transferência à entidade de riqueza criada por outras entidades.
1.2.3 - Provisão para Créditos de Liquidação Duvidosa - Reversão/Constituição: inclui os valores relativos à constituição/baixa de provisão para devedores duvidosos.
1.3 - INSUMOS ADQUIRIDOS DE TERCEIROS (soma dos itens 1.3.1 a 1.3.4)
1.3.1 - Custos dos Produtos, das Mercadorias e dos Serviços Vendidos: inclui o valor da matéria-prima adquirida junto a terceiros e contidas no CPV, CMV, CSV; não inclui gastos com pessoal próprio.
1.3.2 - Materiais, Energia, Serviços de Terceiros e Outros: despesas originadas da utilização desses bens, utilidades e serviços adquiridos junto a terceiros. Nos CPV, CMV e CSV os materiais, serviços, energia etc. consumidos, considerar tributos incluídos no momento das compras(ex ICMS, IPI, PIS e COFINS), recuperáveis ou não.
1.3.3 - Perda/Recuperação de Valores Ativos: inclui valores ref a ajustes por avaliação a valor de mercado de estoques, imobilizados, investimentos etc. Também inclui valores levados ao resultado do período, tanto na formação quanto na reversão de provisão para perdas por desvalorização de ativos.
1.3.4 - Outras (especificar)
1.4 - VALOR ADICIONADO BRUTO (Diferença entre itens 1 e 2.)
1.5 - DEPRECIACÃO, AMORTIZACÃO E EXAUSTÃO
Inclui a despesa ou o custo contabilizado no período.
1.6 - VALOR ADICIONADO LÍQUIDO PRODUZIDO PELA ENTIDADE (Diferença entre itens 3 e 4)
1.7 - VALOR ADICIONADO RECEBIDO EM TRANSFERÊNCIA (soma dos itens 1.7.1 e 1.7.3)
1.7.1 - Resultado de Equivalência Patrimonial: inclui valores recebidos como dividendos ref a investimentos avaliados ao custo. O resultado de equivalência pode ser receita ou despesa; informar despesa entre parênteses.
1.7.2 - Receitas Financeiras: inclui todas as receitas financeiras independentemente de suas origens.
1.7.3 - Outras Receitas: inclui dividendos de investimento avaliado a custo, aluguéis, direitos de franquia etc.
1.8 - VALOR ADICIONADO TOTAL A DISTRIBUIR (Soma dos itens 5 e 6.)
1.9 - DISTRIBUIÇÃO DO VALOR ADICIONADO (soma dos itens 1.9.1 a 1.9.4)
1.9.1 - Pessoal: valores apropriados ao custo ou ao resultado do exercício de forma de:
1.9.2 - Remuneração direta: representada pelos valores relativos a salários, 13º salário, honorários da administração, férias, comissões, horas extras, participação de empregados nos resultados etc.
1.9.3 - Benefícios: valores relativos à assistência médica, alimentação, transporte, planos de aposentadoria etc.
1.9.4 - FGTS: representado pelos valores depositados em contas vinculadas aos empregados.
1.9.1.1 - Impostos, Taxas e Contribuições: valores relativos ao IR, CSLL, INSS que sejam ônus do empregador, bem como os demais impostos e contribuições a que a empresa esteja sujeita.
1.9.1.2 - Federais: incluir tributos recolhidos e administrados pela União, inclusive aqueles repassados no todo ou parte aos Estados, Municípios, Autarquias etc. IRPJ, CSSL, IPI, CIDE, PIS, COFINS. Contr. Sind. patronal.
1.9.1.3 - Estaduais: inclui os tributos recolhidos e administrados pelos Estados, inclusive aqueles que são repassados no todo ou em parte aos Municípios, Autarquias etc., tais como o ICMS e o IPVA.
1.9.1.4 - Municipais: inclui os tributos recolhidos e administrados pelos Municípios, inclusive aqueles que são repassados no todo ou em parte às Autarquias ou quaisquer outras entidades, tais como o ISS e o IPTU.
1.9.2.1 - Remuneração e Capitais de Terceiros: valores pagos/creditados a financiadores externos de capital.
1.9.2.2 - Juros: despesas financeiras ref a quaisquer tipos de empréstimos e financiamentos junto a instituições financeiras, empresas do grupo ou outras formas de obtenção de recursos que tenham sido ativados no período.
1.9.2.3 - Aluguéis: devem ser considerados os aluguéis (incluindo-se as despesas com leasing operacional) pagos ou creditados a terceiros, inclusive os acrescidos aos ativos.
1.9.3.3 - Outras: devem ser consideradas outras remunerações que configurem transferência de riqueza a terceiros, mesmo que originadas em capital intelectual, tais como royalties, franquia, direitos autorais etc.
1.9.4.1 - Remuneração de Capitais Próprios: valores ref.à remuneração atribuída a sócios e acionistas.
1.9.4.2 e 1.9.4.3 - Juros sobre o capital próprio (JSCP) e dividendos: valores pagos ou creditados aos sócios e acionistas por conta do resultado do período, ressalvando-se os JSCP transferidos para conta de reserva de lucros. Devem ser incluídos apenas os valores distribuídos com base no resultado do próprio exercício,

desconsiderando-se os dividendos distribuídos com base em lucros acumulados de exercícios anteriores, pois já foram tratados como “lucros retidos” no exercício em que foram gerados.

1.9.4.4 - Lucros retidos/Prejuízos do exercício: inclui valores ref ao lucro do exercício destinados às reservas, inclusive os JSCP quando tiverem esse tratamento; casos de prejuízo, incluir com sinal negativo.

1.9.4.5 - Participação dos não controladores nos lucros retidos: só para consolidação.

Fonte: CVM (2008, p. 5-8).

Metodologia

Quanto ao objetivo o estudo é descritivo Triviños (1987) afirma: “A pesquisa descritiva exige do investigador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar. Esse tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de uma determinada realidade”. Malhotra (2001, p. 108) diz que a pesquisa descritiva é: “Um tipo de pesquisa conclusiva que tem como principal objetivo a descrição de algo – normalmente características ou funções do mercado”.

Quanto às variáveis, a pesquisa é quantitativa, que “procura quantificar os dados e aplica alguma forma de análise descritiva” (MALHOTRA, 2001, p. 155). As variáveis estudadas se referem aos indicadores pertinentes à geração da riqueza, que permitirão avaliar o Valor Adicionado Total a Distribuir das companhias; os indicadores de distribuição da riqueza, que permitirão avaliar a Distribuição do Valor Adicionado; os indicadores que associam a DVA com o Balanço Patrimonial e Demonstração de Resultados de Exercício, que permitirão uma análise setorial. A seguir estão especificadas as variáveis mencionadas.

O universo da pesquisa abrange o setor **Tecidos, Vestuário e Calçados**, no qual foi feito o recorte com foco nas companhias listadas na BM&FBovespa, composto de 7 empresas. A BM&FBovespa, uma companhia que administra mercados organizados de títulos, valores mobiliários e contratos derivativos, prestando serviços de registro, compensação e liquidação, atuando, principalmente, como contraparte central garantidora da liquidação financeira das operações realizadas em seus ambientes.

Já quanto ao tempo, o estudo é longitudinal retrospectivo e contempla uma análise sobre a realidade do setor de tecidos e confecção brasileiro, especialmente no período pós-crise financeira de 2008 até 2014. O estudo longitudinal envolve uma amostra fixa de elementos da população, a qual é medida repetidamente (MALHOTRA, 2001, p. 111).

O procedimento adotado é o da análise documental, em fontes secundárias. A análise dos dados é feita com base nas técnicas de análise das demonstrações financeiras - análise vertical e horizontal e avaliação comparativa entre o Valor Adicionado Total a Distribuir em relação ao Capital Próprio, às Receitas de Vendas e Ativo Total das companhias do setor.

Assim, os dados são obtidos das demonstrações financeiras (Demonstração de Valor Adicionado, Balanço Patrimonial e Demonstração de Resultados do Exercício e Notas Explicativas das companhias pertinentes ao setor pesquisado no período de 2008 a 2014, disponíveis na base da BM&FBovespa e após identificados, são avaliados à luz dos indicadores de geração e distribuição de riqueza, de acordo com FIPECAFI (2013), quadro 3.

Quadro 3: Indicadores geração e distribuição do valor adicionado

Índices de geração de Valor Adicionado		
Grau de Contribuição para Riqueza de Terceiros.	$GCRT = (CRT/Receita) \times 100$	Serve para indicar o quanto da Receita Total a empresa destina a pagamento de terceiros.
Grau de Valor Adicionado Bruto em relação à Receita.	$GVAB = VAB/Receita$	Mede o quanto da Receita Total a empresa consegue agregar como Valor Adicionado Bruto.
Grau de Valor Adicionado Total em relação à Receita.	$GVAT = (VAT/receita) \times 100$	Mede o quanto da Receita Total a empresa consegue agregar como Valor Adicionado Bruto
GRRT = Grau de Recebimento de Riqueza por Transferência.	$GRRT = (RRT/VAT) \times 100$	Mede o quanto do Valor Adicionado Total a Distribuir é proveniente de recebimento de terceiros.
GPRP = Grau de Produção de Riqueza Própria.	$GPRP = (PRP/VAT) \times 100$	Mede o quanto do Valor Adicionado Total a Distribuir é proveniente da produção da empresa.

Índices de distribuição do Valor Adicionado			
Percentual de Distribuição do Valor Adicionado ao Governo.	$PDVAG) = (VAG/VATD) \times 100$	Avalia o percentual do Valor Adicionado Total a Distribuir que foi destinado ao Governo	
Percentual de Distribuição do Valor Adicionado ao Acionista.	$PDVA) = VAA/VATD \times 100$	Avalia o percentual do Valor Adicionado Total a Distribuir que foi destinado aos Acionistas	
Percentual de Distribuição do Valor Adicionado a Empregados	$PDVAE) = VAE/VATD$	Avalia o percentual do Valor Adicionado Total a Distribuir que foi destinado aos empregados.	
Percentual de Retenção do Valor Adicionado	$PRVA = (Retenção/VATD) \times 100$	Mede o percentual do Valor Adicionado Total a Distribuir que foi retido pela empresa	
Percentual de Distribuição do Valor Adicionado as Instituições Financeiras	$PDVAIF = (VAIF/VATD) \times 100$	Avalia o percentual do Valor Adicionado Total a Distribuir que foi destinado as Instituições Financeiras.	
Indicadores Análise setorial			
Indicadores	FÓRMULA	Onde	Interpretação:
Taxa de Contribuição do PL (TCPL)	$TCPL = (VATD/PL) \times 100$	VATD: Valor adicionado total a distribuir. PL: Patrimônio Líquido	Quanto da riqueza gerada (%), provém do capital próprio. Quanto maior, melhor.
Taxa de Geração de Riqueza – TGR	$TGR = (VATD/AT) \times 100$	VATD: Valor Adicionado AT: Ativo Total	Determina a capacidade do ativo de gerar riqueza. Quanto maior, melhor.
Taxa de Retenção da Riqueza - TRR	$TRR = (LL/VATD) \times 100$	LL: Lucro Líquido VATD: Valor Adicionado	Mensura ganho econômico da riqueza (%). Quanto maior, melhor.

Fonte: FIPECAFI, 2013

A análise vertical significa o quanto cada conta representa com relação à sua base de referência e “o percentual de cada conta mostra sua real importância no conjunto” (MATARAZZO, 2010, p. 170). O autor define análise horizontal como sendo: “A evolução de cada conta nos caminhos trilhados pela empresa e as possíveis tendências” (MATARAZZO, 2010, p. 172).

A análise comparativa utiliza estatística descritiva, com uso de médias e distribuição percentual relacionado com métricas contábeis aplicadas nas companhias no período estudado.

O ambiente da Pesquisa

De acordo com informações institucionais da Associação Brasileira da Indústria Têxtil, em 2015 o setor têxtil possui 33 mil empresas formais em todo o País, além do grande contingente de empreendimentos informais, representando o quarto maior parque produtivo de confecção e o quinto maior produtor têxtil do mundo. Ainda no ranking de produção o Brasil é o segundo maior produtor de denim e terceiro maior consumidor do mundo e o quarto maior produtor de malhas do globo.

Com uma Indústria de aproximadamente 200 anos, o Brasil é, ainda, a última cadeia Têxtil completa do Ocidente, cuja produção se inicia nas fibras, com a plantação de algodão, passando por todos os demais processos de fiações, tecelagens, beneficiadoras, confecções e forte varejo, até os desfiles de moda. O Brasil é referência mundial em design de moda praia, *jeanswear* e *homewear*, tendo crescido também os segmentos de fitness e lingerie. A moda brasileira está entre as cinco maiores Semanas de Moda do mundo e o país possui mais de 100 escolas e faculdades de moda (ABIT, 2015).

Quanto aos postos de trabalho, o setor é responsável por 16,7% dos empregos, ou seja, o setor ofertou 1,5 milhão de empregos diretos e a esse pode ser adicionado o montante de 8 milhões de empregos indiretos e efeito renda, dos quais 75% são de mão de obra feminina. Em 2015 o setor têxtil foi o segundo maior empregador da indústria de transformação, perdendo apenas para alimentos e bebidas (juntos); sendo também o segundo maior gerador do primeiro emprego (ABIT, 2015).

A Cadeia Têxtil e de Confecção do Brasil teve um faturamento de 5,7% da Indústria de Transformação, representando um faturamento de US\$ 36,2 bilhões em 2015 contra

US\$ 53,6 bilhões em 2014 representando queda de 32,5% e o saldo da balança comercial foi de US\$ 4,8 bis negativos. Os Investimentos no setor de US\$ 749 milhões em 2015 representaram apenas 2/3 dos investimentos de 2014 contra US\$ 1.091 milhão em 2014. Além disso verificou-se queda na produção do vestuário e de cama, mesa e banho, com uma média de 5,5 bilhões de peças confeccionadas; contra 6,1 bilhões de peças em 2014. Já a Produção têxtil apresentou uma média de 1,9 milhão de toneladas, contra 2,2 milhões de toneladas em 2014 (ABIT, 2015).

Resultados

Este estudo visa caracterizar o valor adicionado pela Indústria têxtil no Brasil pós-crise financeira *subprime*, verificando sua dimensão e evolução até 2014 as relações com ativos, capital próprio e vendas e as convergências e divergências apresentadas pelas companhias do setor. O setor estudado está classificado na BM&FBOVESPA no setor de consumo cíclico e subsetor de Tecidos, Vestuário e Calçados, no qual estão listadas sete companhias, sendo 4 empresas do segmento Novo Mercado (Arezzo, Renner, Marisa e Restoque) e 3 no segmento Tradicional (Grazziotin, Guararapes e Lojas Hering). As companhias estão caracterizadas no quadro a seguir:

Quadro 5: Características das Empresas do Setor de Tecido, Vestuário e Calçados listadas na BM&FBovespa

Arezzo S.A	Atividade Principal: O Principal Ramo de Atividade Da Companhia É A Industrialização E A Comercialização de Artigos de Couro E de Plástico em Geral. Incluindo Sapatos E Artigos de Vestuário. A Classificação Setorial: Consumo Cíclico / Comércio / Tecidos. Vestuário e Calçados. Arezzo&Co é líder no setor de calçados, bolsas e acessórios femininos no Brasil. Acumulando mais de 41 anos de história, comercializa atualmente mais de 9 milhões de pares de calçados por ano, além de bolsas e acessórios. Possui quatro marcas reconhecidas - Arezzo, Schutz, Anacapri e Alexandre Birman - com produtos que se destacam pela qualidade, design, conforto e inovação. Surgiu em 1972, na cidade de BH/MG. Nos anos 1980 verticalizou a produção, deu ênfase aos produtos de couro e sola. Nos anos 1990 fez outsourcing e investiu nos canais de vendas por franquias, abriu lojas próprias em centros considerados estratégicos.
Grazziotin	A atividade principal da companhia é Comércio Varejista de Vestuário E Bazar. Classificação Setorial: Consumo Cíclico / Comércio / Tecidos. Vestuário e Calçados. Caracteriza-se por ser uma loja de vestuário, decoração para casa, possuindo as marcas: 1) Rede Grazziotin, voltada à família, autosserviço, volume de produtos com preço baixo e crediário facilitado, busca constante de novos clientes; 2) Rede Tottal Casa e Conforto, direcionada especificamente a lazer, reforma, manutenção e conforto para o lar. Trabalha com crediário facilitado e é direcionada às classes B e C. As lojas da rede são bem instaladas e possuem amplo mix de produtos variados e de boas marcas, que ficam distribuídos em diversos setores. A intenção é focar em um melhor atendimento ao cliente, além de proporcionar condições e preços adequados ao público-alvo; 3) Rede Pormenos é de autosserviço que comercializa produtos de qualidade, com variedade, volume, preço baixo e crediário facilitado aos seus clientes. Seu mix de produtos tem como segmento linha íntima, confecções, calçados, cama, mesa e banho. Tem como público-alvo o varejo popular, sendo em sua maioria, mulheres que compram para toda a família; 4) Franco Giorgi marca própria de moda masculina que garante qualidade, conforto, estilo e tendência. Prioriza encantar seus clientes e, assim, atingir os objetivos de venda e lucratividade. A administração da empresa é centralizada em Passo Fundo/RS, onde tem seus escritórios, de treinamento, depósitos centrais de produtos. Tendo início de atividades em 1949.
Guararapes Confeções S.A.	Sua atividade principal é Confecções de Roupas E Tecidos em Geral.e a classificação setorial é Consumo Cíclico / Comércio / Tecidos. Vestuário e Calçados. Constituída em 1956, é uma sociedade anônima de capital aberto com sede no Distrito Industrial de Natal/RN, tendo como objeto social a indústria têxtil em geral. Indústria de confecções de roupas e de tecidos em geral, sua comercialização por atacado e a varejo, e exportação. Importação e comercialização, por atacado, de confecções e tecidos, produtos de perfumaria e esportivos, calçados, roupas de cama, mesa e banho, brinquedos, relógios e cronômetros. Em 1979, a Guararapes adquiriu as lojas Riachuelo e Wolens, expandindo sua atuação para o varejo têxtil, área responsável pelo maior crescimento do Grupo atualmente. Para isso, conta com três centros de distribuição, um em Extremoz (RN), inaugurado em 2000, com 58.000m ² , outro em Guarulhos (SP), inaugurado em 2002, com 85.000m ² e outro em Manaus, com 6.000m ² . Além da Riachuelo, o Grupo é

	proprietário da Midway Financeira, do Shopping Midway Mall e da Transportadora Casa Verde. Atualmente, 100% da produção da Guararapes é destinada à Riachuelo. Esse processo passou a ser desenvolvido com maior intensidade a partir de 2005, porém, apenas em 2008 a produção passou a ser totalmente direcionada para a rede de lojas do Grupo.
Lojas Hering	Atividade Principal: Comércio Varejista de Artigos Têxteis e a Classificação Setorial: Consumo Cíclico / Comércio / Tecidos. Vestuário e Calçados. Tem por objeto a exploração do comércio varejista de malhas, confecções, outros artigos e produtos em geral exportação e importação de bens de capital e consumo. Em 1993 seu deu o início das atividades.
Lojas Renner	Atividade Principal: Loja de Departamentos (comércio Varejista) e a Classificação Setorial: Consumo Cíclico / Comércio / Tecidos. Vestuário e Calçados. Tem como atividade principal o comércio no varejo de artigos de vestuários, de artigos de esportes, de acessórios e perfumaria no mercado nacional. É uma S/A com matriz em Porto Alegre, RS e início de atividades, 1965.
Marisa Lojas S. A	Atividade Principal: Comércio Varejista de Artigos Do Vestuário E Acessórios. Prestação de Serviços de Correspondente Bancário. Intermediação de Negócios e Congêneres. Classificação Setorial: Consumo Cíclico/Comércio/Tecidos. Vestuário e Calçados. Tem sede em SP, constituída em 1959, é S.A. comércio varejista e atacadista de produtos de consumo.
Restoque Comércio e Confecções de Roupas S. A	Atividade Principal: (a) Confecção de Produtos em Geral. Através de Terceiros; (b) Importação E Exportação; (c) Exploração de Comércio E Indústria de Confecção de Produtos em Geral. Classificação Setorial: Consumo Cíclico / Comércio / Tecidos. Vestuário e Calçados. Sediada na cidade de São Paulo e constituída em 1984, é uma S/A, cujos objetivos principais: o desenvolvimento, a exploração da indústria, o comércio, a importação e a exportação de roupas e acessórios do vestuário e o comércio de objetos de decoração, higiene e cosméticos.

Fonte: Sítio institucional das companhias

O Valor Adicionado Total das companhias apresenta-se diversificado em termos de valor histórico e mostra-se invariavelmente crescente ao longo do período. No comparativo, pode-se ver que a Renner e Guararapes revelam valores mais altos e a Hering mostra-se na base evidenciando-se como a companhia do setor que menos adicionou valor no período e seus números mostram uma evolução irregular, ora cercada de grandes crescimentos ora de queda. As demais companhias situam-se na faixa mediana entre todas.

O acumulado no período de 2008 a 2014 mostra um setor que teve crescimento continuado e mesmo apesar da crise financeira que abalou os mercados e teve desdobramentos em vários países e setores se prolongando sobre a economia e operações conseguiu acrescentar valor de 41 bilhões de reais a partir de 2008, quase duplicando ao longo do período. A média de valor adicionado no período, foi da ordem de R\$ 5,8 bilhões de reais (planilha 1).

Tabela 1: Valor adicionado por empresa do setor de Vestuário, Tecido e Calçado

Companhia	2.008	2.009	2.010	2.011	2.012	2.013	2.014	Média
Guararapes	1.029.796	1.233.397	1.636.651	1.771.043	1.939.774	2.284.199	2.354.008	1.749.838,29
Arezzo		177.187	233.063	297.558	377.972	416.554	451.236	279.081,43
Grazziotin	133.904	147.611	138.460	176.526	201.574	226.301	267.094	184.495,71
Hering	679	2.592	1.505	5.762	3.783	22.058	1.947	5.475,14
Renner	1.071.802	1.214.037	1.567.069	1.813.647	2.160.636	2.617.414	3.284.860	1.961.352,14
Marisa	832.898	892.563	1.101.295	1.425.172	1.503.659	1.492.143	1.597.114	1.263.549,14
Restoque	145.666	195.067	307.497	430.966	571.545	621.053	677.611	421.343,57
Acumulado	3.214.745	3.862.454	4.985.540	5.920.674	6.758.943	7.679.722	8.633.870	5.865.135,43

Fonte: Pesquisa documental nas Demonstrações Financeiras (Em Reais 1.000).

Em 2008 o Valor Total Adicionado acumulado do setor foi de 3,2 bilhões de reais com significativo crescimento ao longo do período, alcançando o patamar de 8,6 bilhões em 2014, podendo-se observar que mesmo no momento da crise as companhias conseguiram adicionar valor e fazer esse valor crescer. Para esse resultado, o setor realizou investimentos, realizou operações e obteve resultados, alguns dos quais estão evidenciados para permitir confronto com o valor adicionado total a distribuir, que é objeto do presente estudo (tabela 2).

O setor de Tecidos, Vestuário e Calçados no acumulado de 2008 era um negócio de R\$ 6 bilhões, com capital próprio de R\$3,2 bi e R\$8,2 bi em vendas. Os negócios evoluíram de forma crescente, no geral, com resultados positivos, pois os lucros quase triplicaram e o patrimônio líquido mais que duplicou, a exemplo do Valor Total Adicionado a Distribuir.

Tabela 2: Valor adicionado X Ativo, Receita e PL por empresa do setor de Vestuário, Tecido e Calçado

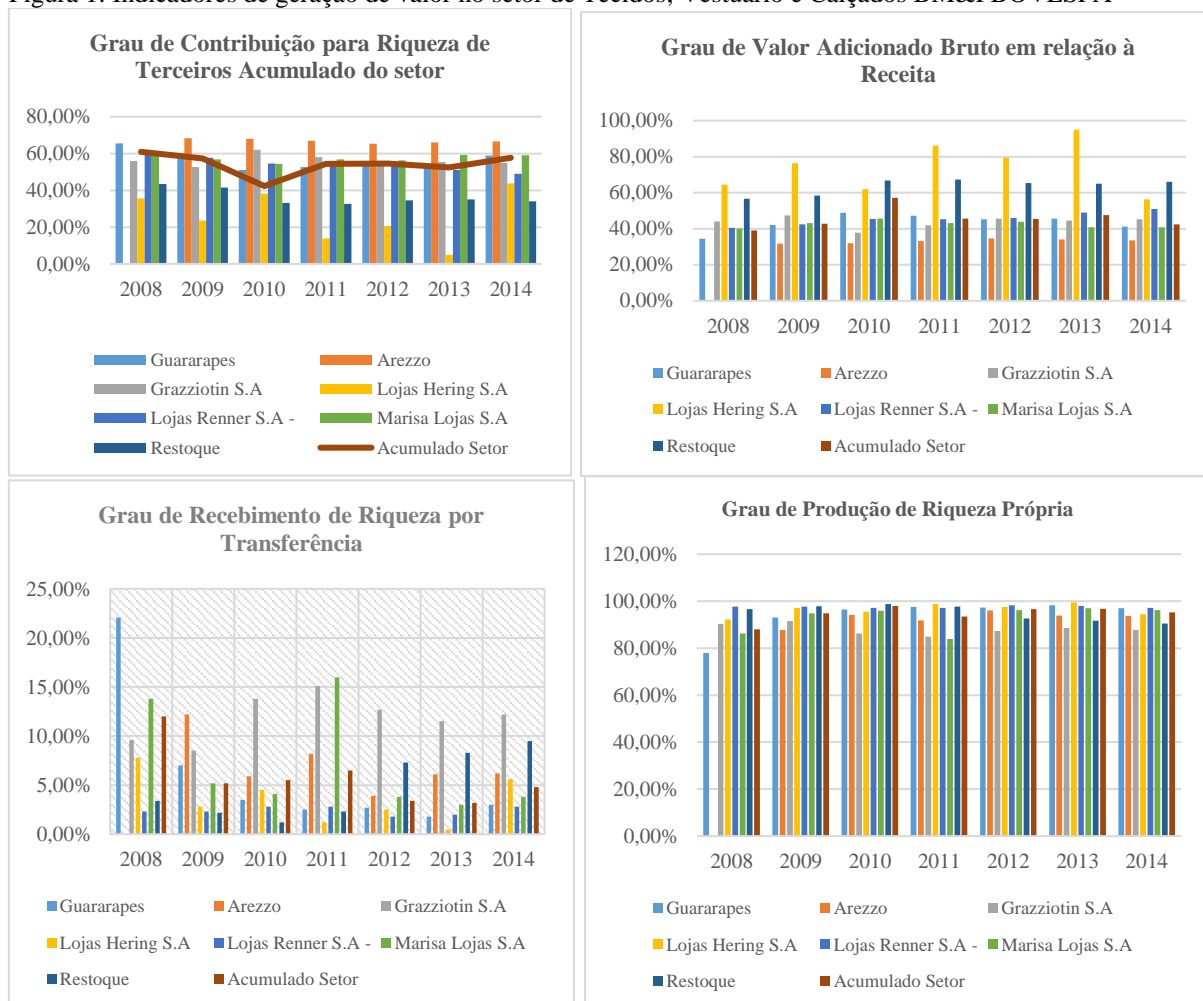
Contas	2.008	2.009	2.010	2.011	2.012	2.013	2.014
Ativo Total	6.103.058	6.846.604	8.648.259	10.633.575	12.548.672	15.030.688	19.050.893
PL	3.204.316	3.805.052	4.369.242	5.126.149	5.856.095	6.474.411	8.985.161
Receita	8.209.892	9.251.907	10.992.093	12.912.588	15.386.249	17.471.587	19.876.141
Lucro Líquido	418.162	629.665	989.446	1.046.104	1.098.868	1.069.685	1.170.871
VTAD	3.214.755	3.880.340	4.985.540	5.920.674	6.758.943	7.679.722	8.633.870

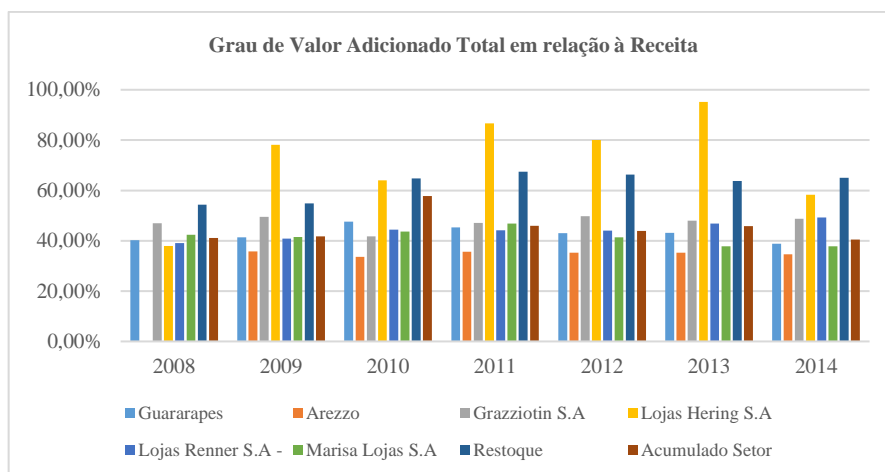
Fonte: Pesquisa documental (Em Reais 1.000).

Os indicadores abordados para detalhamento do estudo trataram de estudar a geração e distribuição de valor e também a criação de riqueza setorial.

No tocante aos indicadores que tratam da geração da riqueza os dados levantados mostram o seguinte resultado: O grau de contribuição do setor para a riqueza de terceiros foi de 54% na média e isso significa que o setor destina em média 54% da Receita Total para pagamento de terceiros, com variação de 42,3 a 60,9%. O destaque fica para a Arezzo, que apresentou um grau de contribuição superior, da ordem de 66% e a Hering revelou contribuição mais baixa com média de 25,8 % no período.

Figura 1: Indicadores de geração de valor no setor de Tecidos, Vestuário e Calçados BM&FBOVESPA





Fonte: Elaboração Própria com base nas Demonstrações Financeiras (Em Reais 1.000).

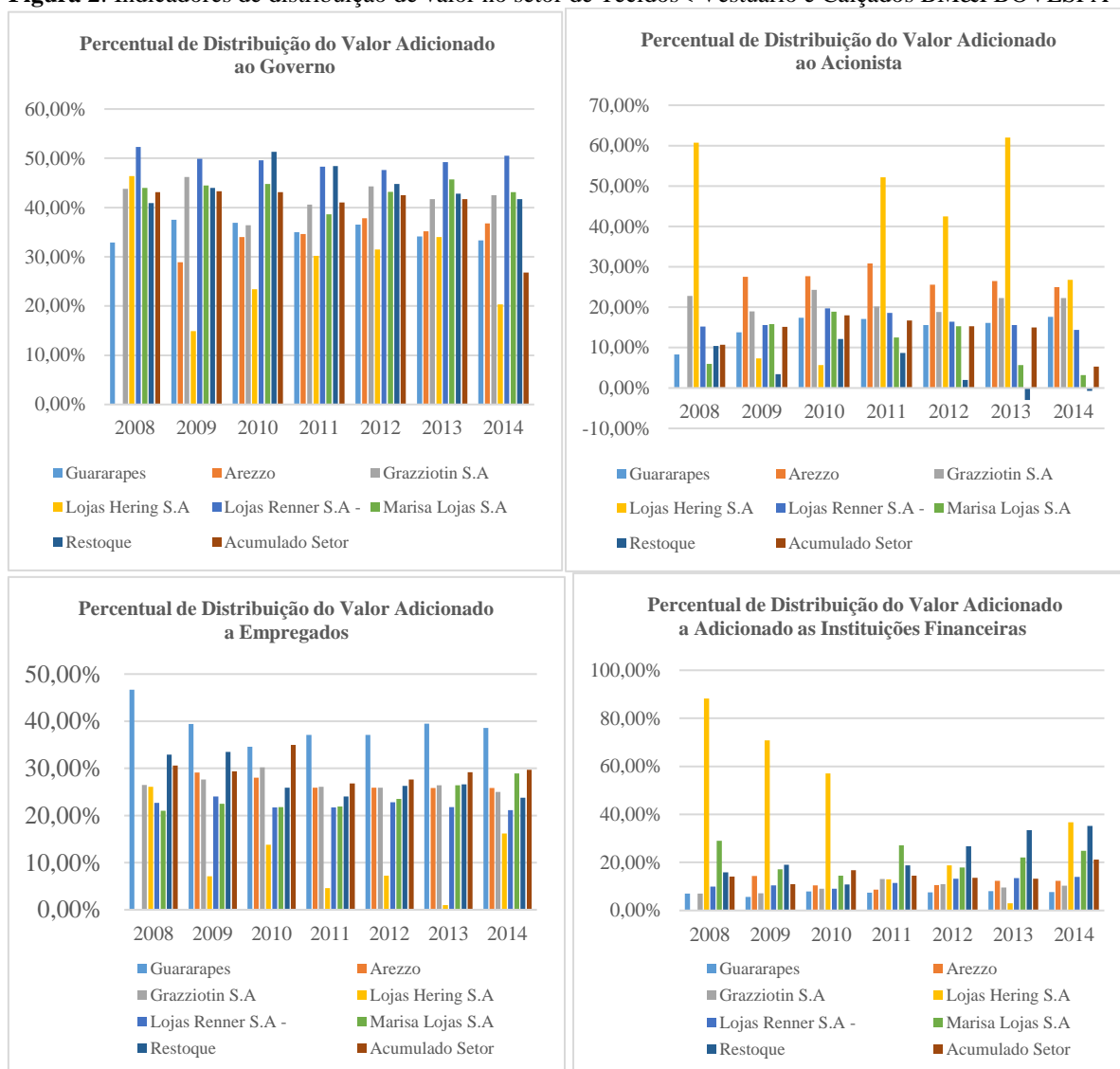
Quando se verificou o Grau de Valor Adicionado Bruto em relação à Receita, foi possível observar que a média do setor foi de 45,7 no período de 2008 a 2014. Isso significa que o setor de Tecido e Vestuário conseguiu agregar em média, 45,7% da Receita total como valor adicionado Bruto. Novamente foi possível verificar o destaque das empresas Hering e Arezzo, contudo em situações opostas. Aqui nesse indicador a Arezzo teve contribuição média bastante inferior ao valor médio do setor (30%) e a Hering apresentou-se com a companhia cujo Valor adicionado Bruto mostrou-se mais alto.

O grau de produção de riqueza das companhias do setor apresentou ênfase na produção própria, evidenciando que o Valor adicionado total do setor de vestuário e tecido representado pelas grandes companhias tem sua origem na produção própria, sendo a média de 94,7% e assim, os recebimentos de terceiros corresponderam a média de pouco mais de 5% de participação no valor adicionado total a distribuir durante o período de 2008 a 2014. Já no tocante aos indicadores de distribuição da riqueza foram observadas as seguintes situações. Embora não seja um achado especial, dadas as evidências fiscais no Brasil, pode-se constatar alto grau de distribuição do valor adicionado ao governo, sendo o percentual médio da ordem de 41 a 43%. Adicionalmente ressalta-se o valor distribuído aos acionistas, cujo percentual alcançou um montante médio de 10 a 18% no período, sendo o valor mais baixo em 2008 e mais alto em 2010. Tal situação pode ter sido decorrente da crise financeira, sendo que em 2010 aconteceu o evento, e com isso houve demanda de ressarcimento de investimentos por acionistas com pico em 2010 e em 2011 passaram a reduzir os valores. Ainda uma observação importante diz respeito aos números de 2014, que mostram uma grande queda nos percentuais de distribuição ao governo, por parte das Lojas Hering. Igualmente foi observada a redução da distribuição de valor ao acionista em 2014 pela maior parte das empresas do setor, exceção feita a Arezzo e Guararapes.

O valor distribuído aos empregados no setor variou de 26 a 35% no acumulado e foi possível observar que existe diferenciação entre as companhias, que de modo geral alocaram entre 20 e 30% dos seus recursos para pessoal, com destaque para a Guararapes, que superou esse montante, atingindo a faixa entre 34 e 46%, mas no outro polo ficou evidenciada a irregularidade dos números da Hering, que apresentou comportamento senoidal, ora com picos e muitas quedas., o que é ilustrado pela faixa de distribuição de recursos com pessoal entre 1 e 26% ao longo do período. Os valores distribuídos aos bancos apresentam, no acumulado, um grande crescimento, mas têm redução drástica em 2014. Esse indicador revela a diversidade de situações nas poucas empresas do setor de Tecido, Vestuário e Calçados e demonstra empresas que tiveram forte redução nos seus repasses aos bancos, o que certamente pode ser fruto de gestão financeira, como é o caso da Restoque, Grazziotin e Arezzo. Outras empresas

mantiveram o patamar de distribuição de recursos para os bancos, como é o caso da Guararapes e da Marisa, além da Renner que variou um pouco mais. Apenas a Hering apresentou um comportamento bastante irregular, quase cíclico, mais uma vez ilustrado nas grandes variações de distribuição do valor a instituições financeiras (Figura 2).

Figura 2: Indicadores de distribuição de valor no setor de Tecidos< Vestuário e Calçados BM&FBOVESPA



Fonte: Elaboração Própria com base nas Demonstrações Financeiras (Em Reais 1.000).

A seguir estão os indicadores de retenção (tabela 3).

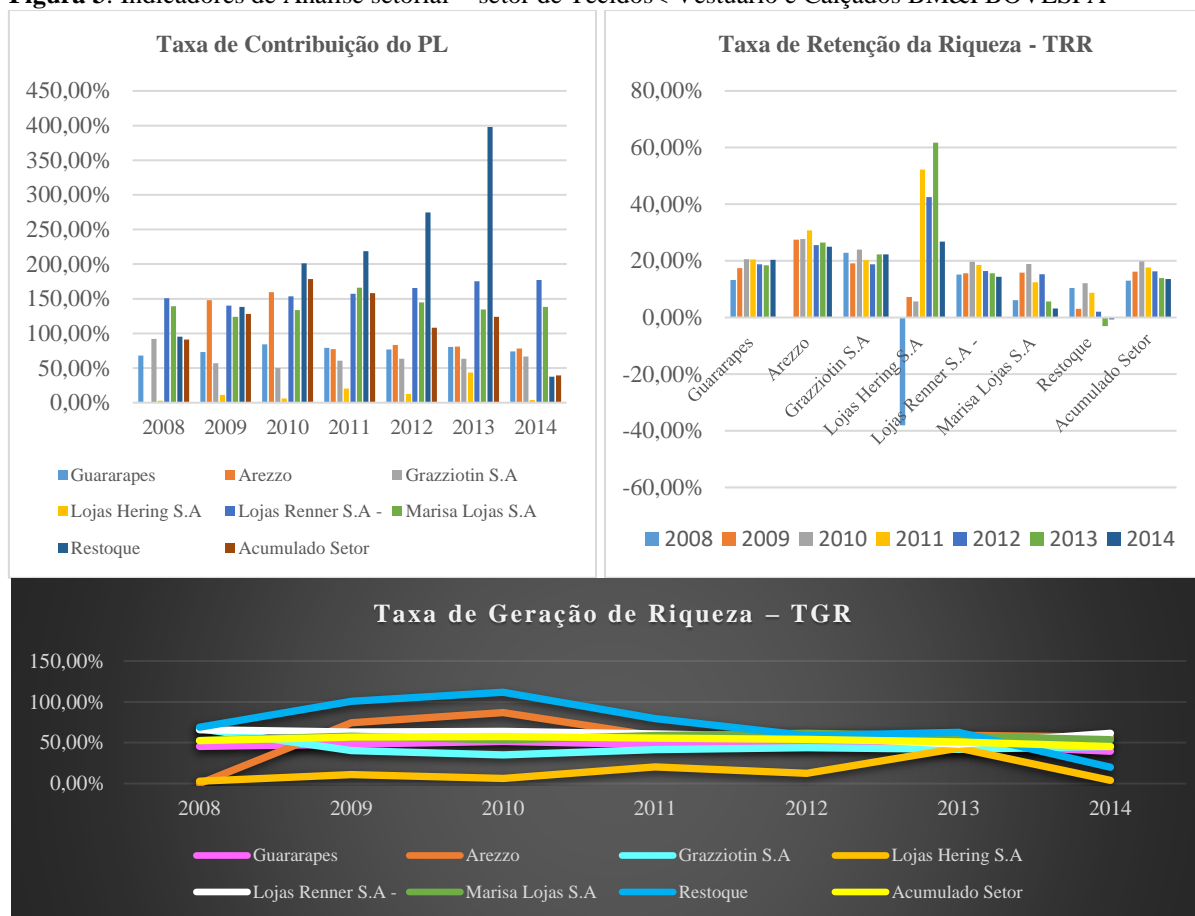
Tabela 3: Indicadores de retenção X valor total adicionado a distribuir

Percentual de retenção	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Guararapes	-7,76%	-8,83%	-6,26%	-6,98%	-7,71%	-7,65%	-8,99%
Arezzo		-0,92%	-1,15%	-1,36%	-2,00%	-2,63%	-2,93%
Grazziotin S.A	-3,48%	-4,16%	-4,71%	-4,08%	-4,24%	-4,50%	-4,91%
Lojas Hering S.A	-78,06%	-0,66%	-1,26%	-0,64%	-1,61%	-0,28%	-2,31%
Lojas Renner S.A -	-5,79%	-6,10%	-4,84%	-5,38%	-6,15%	-6,40%	-6,48%
Marisa Lojas S.A	-8,34%	-9,23%	-8,86%	-8,10%	-9,54%	-11,02%	-11,93%
Restoque	-7,55%	-8,93%	-4,28%	-2,22%	-5,99%	-10,22%	-11,05%
Acumulado Setor	-7,08%	-7,52%	-5,98%	-6,04%	-7,05%	-5,56%	-5,83%

Fonte: Elaboração Própria com base nas Demonstrações Financeiras (Em Reais 1.000).

Os aspectos que evidenciam a capacidade do setor de negócios e dos ativos investidos de gerar riqueza, podem ser evidenciados por meio dos indicadores de análise setorial.

Figura 3: Indicadores de Análise setorial - setor de Tecidos< Vestuário e Calçados BM&FBOVESPA



Fonte: Elaboração Própria com base nas Demonstrações Financeiras (Em Reais 1.000).

Anteriormente foram mencionados os percentuais de retenção em relação ao aumento do Patrimônio Líquido. Agora, são abordados os indicadores que mostram a retenção da riqueza, expressa no resultado da companhia e medida pelo lucro líquido, permitiram evidenciar que o setor reteve uma média de 15,8% de lucro líquido em relação ao valor adicionado, o que representa o ganho econômico médio do setor no período.

No tocante à contribuição do capital próprio investido no negócio, pode-se dizer que a maior parte da riqueza gerada provém do capital próprio e isso ficou evidenciado de modo bastante taxativo pelos indicadores da taxa de contribuição do PL desde 2008 até 2013. Em 2014 acontece uma retração e o PL passa a contribuir menos com a riqueza gerada, correspondendo a pouco mais de um terço para adicionar valor nas empresas do setor (Tabela 4).

Tabela 4: Taxa de retenção da riqueza

Indicadores de análise setorial	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Taxa de Contribuição do PL	91,2%	127,9%	178,7%	158,0%	108,3%	124,1%	39,3%
Taxa de Geração de Riqueza	52,70%	56,70%	57,60%	55,70%	53,90%	51,10%	45,30%
Taxa de Retenção da Riqueza	13,0%	16,2%	19,8%	17,7%	16,3%	13,9%	13,6%

Fonte: Elaboração Própria com base nas Demonstrações Financeiras (Em Reais 1.000).

Nessa direção a taxa de geração de riqueza mostra que a capacidade do ativo de gerar riqueza foi da ordem de 51 a 57% até 2013 com alta em 2009 e 2010 e caindo um pouco em

2014. Por outro lado, o ganho econômico da riqueza pode ser evidenciado pela taxa de retenção que em 2008 foi de 13% e mostrou-se crescente até 2012 com pico de 19,8% em 2010 e voltando ao mesmo patamar de 2008 em 2013 e 2014.

Adicionalmente é possível perceber que o capital próprio foi a maior fonte de geração de riqueza do setor e que o ativo tem participado nessa geração de riqueza em menor escala. Por fim, verificou-se que o setor teve um ganho econômico em média de 15% atingindo patamares superiores e que o setor tem sido competente em prover a geração de riqueza, mesmo em cenários adversos de crise e de concorrência.

Conclusão

Esta pesquisa teve como objetivo caracterizar o valor adicionado pela Indústria de Tecidos, Vestuário e Calçados, no Brasil pós-crise financeira *subprime*, verificando sua dimensão e evolução, diagnóstico setorial e destinação do valor adicionado pelas companhias do setor, no período de 2008 a 2014.

Os resultados mostraram um setor que evoluiu de forma crescente e positiva, desde 2008 após a crise financeira. O setor foi capaz de gerar riqueza, conseguindo agregar 45% da sua receita como valor adicionado, com alto grau de produção dessa riqueza 95%) a partir da própria força de trabalho; além de contribuir para a riqueza de terceiros (60%).

O setor de Tecidos, Vestuário e Calçados no acumulado de 2008 era um negócio de R\$ 6 bilhões, com capital próprio de R\$3,2 bi e R\$8,2 bi em vendas. A evolução dos negócios mostrou que os lucros e as vendas quase triplicaram e o patrimônio líquido mais que duplicou, assim como o Valor Total Adicionado a Distribuir. O Valor Total Adicionado a Distribuir do setor passou de R\$ 3,2 a 8,6 bilhões em 2014. A indústria adicionou valor e distribuiu valor, com ênfase para o repasse de recursos para o governo, da ordem de 40% dos valores adicionados. O investidor acionista recebeu cerca de 13% em média, no período e os empregados ficaram com cerca de 29%. As instituições financeiras receberam uma média de 13% e o ganho econômico foi de 15,8% no período, mas o negócio pôde reter apenas 5% em média para incorporação ao capital do empreendimento.

Os resultados mostraram que o setor apresenta sustentabilidade econômica, pois tem conseguido gerar riqueza capaz de prover seu funcionamento e distribuir riqueza aos empregados, financiadores, investidores e governo, e após atender os compromissos com a sociedade ainda tem um desempenho regular de ganho de riqueza. Essa situação ficou evidenciada em período de longo prazo, porquanto foi observado o período de 2008 a 2014, que tem em um contexto de concorrência acirrada com os players mundiais com destaque para os asiáticos e de grave crise financeira global com fortes desdobramentos para a economia.

Em que pesem os resultados positivos do setor, há ocorrência de instabilidade em uma ou outra companhia quando de análises isoladas. Os números de 2014 anunciados nos indicadores prognosticam atenção e alerta ao setor que já tem ônus de 42% em tributos, contando com pouco mais da metade dos recursos para sobrepujar as intempéries do ambiente empresarial. Assim, não será suficiente crescer e ter lucro como uma meta decorrente de visão linear. Cabe comparar a situação com os concorrentes e avaliar “Quão bom deve ser o setor” para continuar vivo, sustentar a produção, criar riqueza e atender às demandas da sociedade.

As recomendações são postas no sentido de conhecer o setor concorrente no mundo, caracterizar seus recursos, clientes e produtos principais vistos como ameaças; suas crenças e objetivos e buscar as respostas sobre as estratégias para competir, no aspecto de competências, recursos, capacidades e instituições.

Referências

BRASIL. Lei nº 6.404/76. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6404consol.htm>. Acesso em: maio 2015.

BRASIL. Resolução CFC nº 1.121, de 28 de março de 2008. NBC TG ESTRUTURA CONCEITUAL (NBC T 1) - Estrutura Conceitual para a Elaboração e Apresentação das Demonstrações Contábeis. **Diário Oficial da União**, de 01 de abril de 2008.

BRASIL. Resolução CFC nº 1.138/2008(NBCTG09. Disponível em:

<www.cfc.org.br/sisweb/sre/docs/RES_1138.doc>. Acesso em: mar. 2015.

BRASIL. Resolução CFC nº 1.162/2009. Disponível em:

<www.cfc.org.br/sisweb/sre/docs/RES_1162.doc>. Acesso em: mar. 2015.

COMISSÃO DE VALORES MOBILIÁRIOS (Brasil). **Demonstração do valor adicionado**. Rio de Janeiro, 2008.

COSENZA, José Paulo. **A eficácia informativa da demonstração do valor adicionado**.

Revista de Contabilidade e finanças, São Paulo, v. 14, n. spe, p. 07-29, Oct. 2003 .

Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-70772003000400001&lng=en&nrm=iso>. access on 19 July 2015.

<http://dx.doi.org/10.1590/S1519-70772003000400001>.

COSTA, Claudio Luiz de Oliveira; GUIMARÃES, Tiago Rodrigues; MELLO, Luiz Carlos Brasil de Brito. **Os possíveis benefícios gerados pela obrigatoriedade da publicação da demonstração do valor adicionado pelas empresas de capital aberto**. Revista de Contabilidade do Mestrado em Ciências Contábeis da UERJ (online), Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. 77 - p. 93, set/dez., 2013.

CUNHA, Jacqueline Veneroso Alves da; RIBEIRO, Maisa de Souza. O Papel da Demonstração Do Valor Adicionado Na Avaliação Da Responsabilidade Social das Empresas. Disponível em: <<http://www.eac.fea.usp.br/congressosp/congresso3/>>. Acesso em 08 abril 2007.

DE LUCA, M. M. M. **Demonstração do Valor Adicionado: Do cálculo da riqueza criada pela empresa ao valor do PIB**. 2. ed. São Paulo, Atlas, 2009.

DELIBERAÇÃO CVM 557/2008. Disponível em:

<http://www.normaslegais.com.br/legislacao/deliberacaocvm557_2008.htm>. Acesso em: mar. 2015.

DELIBERAÇÃO da Comissão de Valores Mobiliários. 675/2011. Disponível em:

<<http://www.cvm.gov.br/export/sites/cvm/legislacao/anexos/deli/0600/deli675.pdf>>. Acesso em: maio 2015.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. e 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008, 2010.

HALLER, A. STOLOWY, H. “Value Added in Financial Accounting: A Comparative Study of Germany and France”, *Advances in International Accounting*, Vol. 11, pp. 23-51, 1998.

MALHOTRA, Naresh K. **Pesquisa de Marketing – Uma Orientação Aplicada**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

MANDAL, N.; GOSWAMI, S. Value Added Statement (VAS) – A critical Analysis. *Great Lakes Herald*, v. 2, n. 2, 2008.

MARTINS, Eliseu; GELBCKE, Rubens Ernesto; SANTOS, Ariovaldo dos; IUDÍCIBUS, Sérgio. **MANUAL DE CONTABILIDADE SOCIETÁRIA: Aplicável a todas as Sociedades de Acordo com as Normas Internacionais e do CPC**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, (2013). 928p.

MATARAZZO, Dante Carmine. **Análise Financeira de Balanços – Abordagem Gerencial**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

NEVES, Silvério das VICECONTI, Paulo Eduardo V. **Contabilidade Avançada e Análise das Demonstrações Financeiras**. 11. ed. São Paulo: Frase Editora, 2002.

PARECER de Orientação CVM nº 24/1992. Disponível em:

<http://www.cvm.gov.br/port/snc/pareceres_new.asp>. Acesso em: mar. 2015.

PRONUNCIAMENTO Técnico CPC 09. Disponível em:

<http://static.cpc.mediagroup.com.br/Documentos/175_CPC_09.pdf>. Acesso em: mar. 2015.

SANTOS, Marcos Igor da Costa; SILVA, Manoel Soares. **Utilização da Demonstração do Valor Adicionado – DVA como Ferramenta na Medição da Riqueza no Setor de Telefonia no Brasil**. Revista Pensar Contábil, Rio de Janeiro, v. 11, n. 46, p. 39-45, out/dez 2009.

ABIT. Informações Sobre O Setor Têxtil E Vestuário em 2015.

<http://www.abit.org.br/cont/perfil-do-setor#sthash.3jvZibYh.dpuf>.